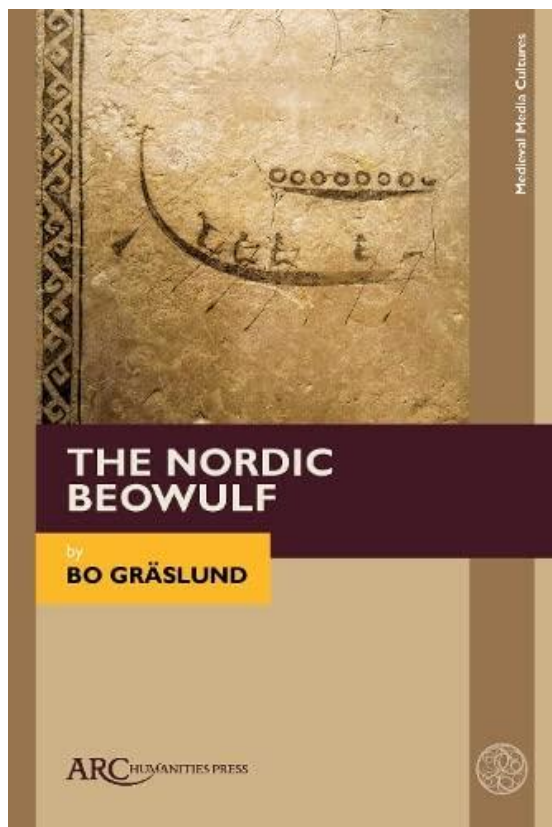


**EM BUSCA DAS ORIGENS DE BEOWULF
IN SEARCH OF THE ORIGINS OF BEOWULF**



GRÄSLUND, Bo. *The Nordic Beowulf*. Translated from Swedish by Martin Naylor. Leeds: Arc Humanities Press, 2022.

Leandro Vilar Oliveira¹

Beowulf é o personagem título do poema homônimo, escrito por volta do ano 1000, sendo um épico de autoria anônima, mas provavelmente escrito por algum clérigo por conta do teor cristão de alguns versos e conceitos dessa religião, ali apresentados. Apesar disso, a trama se passa na Dinamarca antes da Era Viking, em que temos o herói Beowulf, viajando para lá

¹ Doutor em Ciências das Religiões (UFPB), Mestre em História e Cultura Histórica (UFPB), membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE), membro do Museu Virtual Marítimo EXEA. E-mail: vilarleandro@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8905-9727>.

com seus homens para combater o monstro Grendel, que assolava o salão do rei Hrothgar, dando início a jornada do herói.

Muito já foi escrito sobre esse poema desde o século XIX, no entanto, nos últimos anos uma nova leva de livros e artigos sobre o poema foram publicados. O presente livro foi escrito pelo arqueólogo sueco Bo Gräslund e publicado originalmente em sueco com o título *Beowulfkvädet* (2018), todavia, a tradução para o inglês foi lançada em 2022, da qual fizemos uso para essa resenha.

Bo Gräslund é um arqueólogo e professor universitário aposentado, tendo seus quase noventa anos de idade. Ele é casado com a arqueóloga Annie-Sofie Gräslund, importante nome nos estudos das pedras rúnicas suecas. Embora Bo Gräslund tenha sido arqueólogo, ele em alguns momentos se interessou por temas mitológicos e literários, condição essa que ele chegou a defender que alguns mitos como o Fimbulvertr e o Ragnarök seriam baseados em acontecimentos climáticos reais, ocorridos durante o século VI d.C. Esse aspecto é importante a ser salientado, pois no seu livro *The Nordic Beowulf*, ele defendeu uma série de hipóteses de que aquela trama teria sido baseada em acontecimentos reais.

Na breve introdução de sua obra, Gräslund informa que seu objetivo principal foi descobrir as origens do poema *Beowulf*: quando e onde ele foi escrito. Embora seja um objetivo deveras ousado, o autor não escondeu sua ambição em escrever um livro em que analisou esse poema medieval sob a perspectiva arqueológica, algo singular, já que a maior parte dos estudos sobre *Beowulf* advém do campo literário e linguístico pela própria natureza dessa fonte.

O livro consiste numa pesquisa multidisciplinar em que Gräslund utilizou fontes e métodos da literatura, arqueologia, história, linguística, geografia e topografia, para poder realizar suas análises e comparações, no intuito de tentar descobrir as origens da trama narrada nesse poema.

Sendo assim, *The Nordic Beowulf* é dividido em 23 capítulos. Apesar dessa quantidade, vários dos capítulos são curtos. A introdução apresenta os objetivos do autor e a divisão das partes de sua obra. Os capítulos 1 e 2 atuam como uma introdução ao poema, apresentando o que se sabe a respeito, em que se informa quando ele teria sido escrito por volta do ano 1000, possivelmente na Ânglia Oriental. Nesses capítulos Gräslund cita alguns estudiosos clássicos do poema, incluindo o escritor e filólogo J. R. R. Tolkien, o qual realizou sua própria tradução.

No capítulo 2, Gräslund comenta brevemente sobre a linguagem empregada na escrita do poema, tratando-se do inglês antigo (*Old English*), além de salientar a condição de que embora fosse um poema inglês, a narrativa referia-se a acontecimentos ocorridos na Escandinávia, o que gerou uma série de hipóteses a respeito. Gräslund assinala brevemente essas teorias, esboçando que para ele, o autor de *Beowulf* teria sido algum “pagão” que possuía conhecimento sobre a tradição oral escandinava, todavia, o poema teria sido escrito por um clérigo inglês. Condição essa que ele volta a abordar posteriormente em seu livro.

Mas apresentada essa introdução sobre a obra e explicado seu enredo, os capítulos 3 ao 6 iniciam a primeira parte de análises do autor. Para deixar mais fácil a leitura, optamos em comentar alguns capítulos conforme a divisão sugerida pelo autor, sendo assim, daremos início pela primeira parte de sua divisão.

Nessa primeira parte, Gräslund procurou analisar o contexto histórico em que o poema foi escrito, aqui ele cita alguns problemas a respeito, por conta de ser uma datação aproximada, haver apenas um manuscrito conhecido, o qual inclusive foi destruído num incêndio no século XVIII. Dessa forma o capítulo 3 versou sobre os aspectos da escrita do poema. No caso, Gräslund concorda com outros autores de que a trama ocorreria entre os séculos V e VI. Para isso, nos capítulos 4 e 5, ele apresentou sua análise com base na cultura material presente no poema, realizando uma comparação.

Salientando que pouco se sabe desse período histórico da Escandinávia, pois não dispomos de relatos escritos a respeito daquela época, apenas escritos mais tardios, redigidos séculos depois que contam sobre reis hoje considerados semi-lendários. No tocante a arqueologia, Gräslund salienta que foi uma época que marcou o chamado Período das Migrações, momento em que houve uma leva de migrações de povos germano-escandinavos para a parte central e sul da Europa. Além de ser também uma época de contato com a Dinastia Merovíngia na França (c. 481-751), como também a forte presença de moedas, joias e outros elementos da cultura material romana, os quais chegavam até o sul da Escandinávia. Para Gräslund, a trama do poema teria ocorrido entre 500 e 550, de acordo com as datações sugeridas que ele fez com base na análise interpretativa da cultura material descrita no poema.

Assim, ele corroborava sua hipótese de que as riquezas citadas e a descrição de alguns objetos, joias e armas seriam baseadas nessa condição do comércio que levava mercadorias romanas da França, pela Alemanha, chegando à Dinamarca e Gotland. Inclusive a ilha de

Gotland é um local importante para a tese de Bo Gräslund, como ele apresentou mais adiante, por se tratar de um polo mercante proeminente no Mar Báltico.

No capítulo 6 ele resume suas hipóteses da primeira parte. Para ele a cultura material no poema remontaria a primeira metade do século VI, não os séculos VII ou VIII como já foi sugerido anteriormente. Além disso, ele defende que o poema *Beowulf* teria sido escrito por um clérigo cristão por volta do final do século X, todavia, ele acredita que esse clérigo teria se baseado na tradição oral escandinava presente na Inglaterra.

As observações de Gräslund nessa primeira parte do estudo em justificar que o poema seria baseado numa época específica, ainda são problemáticas. O historiador Ciro Flamarion Cardoso² em estudo sobre *Beowulf* mostrou que a narrativa apesar de poder ser situada mais ou menos no século VI, ela apresenta anacronismos históricos em dados momentos, mesmo que alguns elementos culturais estejam corretos. Cardoso, baseado em alguns comentários de Tolkien, concorda que o poema não deve ser tomado como uma fonte histórica, mas uma representação sobre o passado, já que a narrativa foi escrita pelo menos cinco séculos depois, condição essa que encontramos claramente elementos anglo-saxões e cristãos presentes na obra.

A segunda parte de sua análise é mais longa, compreendendo os capítulos 7 ao 11, em que nesses ele analisou mais alguns aspectos históricos, geográficos e topográficos. Se anteriormente ele fez uma análise centrada em aspectos linguísticos e na cultura material, agora ele procurou analisar os povos retratados na história: os suevos, os gautas e os daneses.

O capítulo 7 é dedicado a comentar quem seria o povo gauta (göta, geata), os quais habitavam a região sul da atual Suécia, sendo vizinhos e inimigos dos suevos que viviam na região central. Gräslund comenta os problemas de definir a identidade do povo a qual o herói Beowulf pertencia, apontando que os gautas são confundidos com os gutas (habitantes da ilha de Gotland) e os godos. Neste ponto, ele retoma Gotland propondo que possa ter havido um erro de nomenclatura no poema, em que Beowulf não seria um gauta, mas um guta, um habitante de Gotland. Para embasar isso ele analisou figuras de linguagem, descrições geográficas sobre as terras dos “gautas” e outras referências linguísticas do poema para identificar aspectos de topografia real.

² CARDOSO, Ciro Flamarion. Beowulf e as estruturas da escandinávia pré-viking. *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, v. 2, p. 288-308, 2019.

No capítulo 8 o autor continua sua análise etimológica e geográfica, dessa vez trabalhando com as referências aos Scilfing, os quais seriam uma alusão aos suevos. Os quais tradicionalmente eram inimigos dos gautas e gutas em determinadas épocas, algo que combina com a trama do poema.

O capítulo 9 apresenta a análise de um novo tema, a religião e a mitologia. No caso, Gräslund cita alguns autores que defendem que o poema não teria sido uma invenção de um ator cristão, mas seria uma narrativa de origem pagã que recebeu conceitos cristãos por seu redator. Para corroborar isso, ele apresenta uma série de comentários superficiais sobre práticas religiosas pagãs e algumas referências mitológicas. Além de apontar que se o autor realmente fosse cristão, ele deveria ter ocultado algumas dessas referências que lhe seriam estranhas ou contrárias aos princípios da sua fé. Mas, a seu ver, o estilo de vida apresentado no poema representa o comportamento de sociedades ainda não cristianizadas. A hipótese de Gräslund apesar de interessante é problemática, pois as sagas foram escritas após esse poema, sendo redigidas por autores cristãos, mas conservam vários elementos da “cultura pagã”. Logo, isso põe em dúvida o argumento de Gräslund.

Sobre isso, Medeiros³ aponta com base em distintos estudiosos sobre o poema *Beowulf*, que alguns conflitos entre governantes presentes no poema são reflexos do contexto sociocultural e histórico da Inglaterra dos séculos IX e X, período em que os vikings a invadiam e estabeleceram o chamado Danelaw. Neste sentido, o autor do poema espelhou-se em seu “lugar social” para estabelecer sua interpretação sobre aquela narrativa. Assim, mesmo que o poema preserve uma narrativa bem mais antiga, no entanto, ela foi adaptada ao contexto dos poetas

Nos capítulos 10 e 11 o autor apresenta seus comentários sobre possíveis influências da literatura escandinava sobre a composição da trama de Boewulf. Neste ponto ele não apresenta novidades, mas discorda de quem defende que os escandinavos daquele período não teriam talento poético e literário para isso. Pela condição de ser uma tradição oral, não tem como se ter noção da produção de histórias daquela época, sendo impossível realizar tal afirmação. O capítulo 12 resume as conclusões apresentadas na segunda parte da investigação, em que Bo

³ MEDEIROS, Elton Oliveira Souza (et. al.]. Sobre as origens de Beowulf: uma reflexão a respeito do cenário sociopolítico e da composição do poema na Inglaterra dos séculos IX-X. *Brathair*, v. 22, n. 1, p. 82-104, 2022.

Gräslund, conclui que a trama do poema seria efetivamente de origem escandinava e pagã, remetendo-se as terras suecas ou dinamarquesas como local de origem.

A partir do capítulo 13 até o capítulo 21 temos as explicações da terceira parte de investigações do livro. Dessa vez, esse conjunto de capítulos aborda temas mais abrangentes, diferente das partes 1 e 2. Nessa terceira parte, o autor retoma suas análises arqueológicas e geográficas, algo realizado nos capítulos 13, 14 e 15 nos quais ele estudou Gotland, a Dinamarca e o sul da Suécia. Aqui ele apresenta suas hipóteses de que determinados lugares que são citados no poema, corresponderiam a lugares reais nesses territórios citados. Sublinha-se que nos capítulos 14 e 15 temos imagens, sendo mapas e uma fotografia.

A partir do capítulo 16 a temática deixa de ser geográfica, mas mantém-se o campo arqueológico, dessa vez, adentrando a arqueologia da religião, pois Gräslund analisa o funeral de Beowulf e outros funerais que ocorrem na narrativa. Essa parte, apesar de interessante, consiste num capítulo curto, no qual o autor não se aprofundou. O capítulo 17 apresenta alguns outros comentários linguísticos do poema.

Já os capítulos 18 e 19 apresentam as hipóteses de Gräslund de que a história de Beowulf teria chegando na Inglaterra antes da Era Viking. Para isso ele tem como ponto de partida o navio de Sutton Hoo, para comentar a conexão mercante com a Escandinávia, sugerindo que através do comércio, histórias foram trocadas. Embora seja uma teoria interessante e que possa ter sido real, o problema é que não temos como sustentar essa argumentação como defende o autor, de que o poema sobre Beowulf poderia ter chegado à Inglaterra antes do ano 700.

Caminhando para o final do livro, o autor apresenta suas últimas ponderações acerca do poema. Sobre isso, ele considera que *Beowulf* conteria um fundo de verdade, assim como, alguns estudiosos do Ciclo Arturiano defendem que o Rei Arthur teria sido baseado num governante real da Bretanha do século VI, Gräslund apresenta pensamento similar, condição essa que no capítulo 20 ele defende essa perspectiva, apontando que os elementos fantásticos como Grendel, a mãe dele e o dragão, poderiam ser metáforas para problemas reais ou lições morais. Observa-se neste ponto a tendência evemerista adotada por Gräslund.

No capítulo 21, Gräslund apresenta um estudo comparativo, em que ele sugere que a *Saga dos Gutas* (Guta saga), narrativa escrita por volta do século XIII, a qual fala sobre a colonização da ilha de Gotland, poderia ter inspirações em passagens do poema *Beowulf*. Além disso, o autor se arrisca ao analisar a etimologia do nome do herói, traçando alguns paralelos

com a literatura escandinava. Mas ele próprio fala que essa hipótese ainda é frágil de sustentação.

O capítulo 22 encerra as hipóteses e análises do livro, retomando a perspectiva evemerista do autor em que ele comenta que os personagens retratados em *Beowulf*, sobretudo os governantes, poderiam ter sido reais. Neste ponto, ele apresenta possíveis datas de seus reinados, baseado em outros autores e deduções próprias. Salientando que tais homens teriam vivido entre os séculos V e VI. O problema é que essas datações são bem arriscadas, pois há inexistência de fontes escritas desse período. Os historiadores escandinavos até apresentam incertezas para os governantes dos séculos VIII, por conta de não termos mais respaldo para assegurar a existência deles.

Por fim, o capítulo 23 são as considerações finais, em que ele recapitula suas hipóteses, argumentos e conclusões de todas as partes apresentadas. Sobre isso, Bo Gräslund trouxe ideias bem interessantes, como as análises arqueológicas, geográficas e topográficas, embasando sua argumentação de que Beowulf poderia ter sido de Gotland, a meu ver, um dos méritos da obra. Suas ponderações sobre a cultura material são bastante pertinentes, inclusive mostra como é possível em alguns casos analisar isso através de um poema, algo que pode ser replicado em outros poemas antigos.

Por outro lado, suas datações, algumas interpretações linguísticas e estudos comparados, são mais problemáticos por conta da falta de clareza da metodologia utilizada e os parâmetros de comparação (nesse aspecto, o autor não deixa isso claro). Bo Gräslund embora concorde que a trama do poema não seria uma invenção cristã do século X, sua defesa de que a narrativa teria chegado à Inglaterra antes do ano 700, carece de mais firmeza, pois não dispomos de formas de confirmar isso.

E esse problema é também encontrado nas datações que o autor apresenta no capítulo 22, e em sua tendência de considerar Beowulf tão real quanto o Rei Arthur, ou até mesmo o Ragnar Lodbrok (curiosamente não usado para fins de comparação, já que ele é tido também como um rei real). Apesar desses problemas o livro traz novas perspectivas a serem consideradas nos estudos sobre essa obra, além de uma variedade de trabalhos referenciados sobre o poema, que pode servir para orientar pesquisadores interessados em trabalhar com essa fonte literária.